

Coluna do Castello

O preço do mandato de cinco anos

Suplicantes, esperançosos, os deputados do PFL que integram a ala mais liberal do partido se voltaram para o ministro Aureliano Chaves como os muçulmanos costumam se voltar para Meca. Esperaram uma palavra, um incentivo para votar a favor do mandato de quatro anos para o presidente José Sarney na Comissão de Sistematização que examina o projeto de Constituição. Uma insinuação, uma frase dúbia bastaria para que se animassem a encurtar o mandato de Sarney apostando, depois, na possível escolha de Aureliano para sucedê-lo.

Em vão. Na noite de quarta-feira, primeiro o senador Marco Maciel, depois um grupo de deputados mineiros ouviram o ético ministro reafirmar sua posição favorável ao mandato de cinco anos — embora tenha dito que respeita e acata, por isso mesmo, qualquer decisão que tome a Constituinte. Na ocasião, Aureliano não se esquivou de pôr sua eventual candidatura à disposição do partido. Como ocorreu na sucessão do general Figueiredo, Aureliano parece conformado em assistir à passagem, uma vez mais, da montaria presidencial. Hesita em cavalgá-la.

A situação do deputado Ulysses Guimarães é diferente. Nas conversas com seus amigos mais íntimos, o presidente da Constituinte, do PMDB e da Câmara admite o desastre que é a administração de Sarney, reconhece o seu desgaste e o do PMDB por apoiarem o governo, e não esconde que defende o mandato de cinco anos para o atual presidente porque teme uma derrota do seu partido em eleições no próximo ano. As vésperas da votação do mandato de Sarney na Comissão de Sistematização, Ulysses encolheu-se e só ouve.

Ouviu, anteontem, do deputado Bernardo Cabral que há um equilíbrio na comissão entre os adeptos dos quatro e dos cinco anos de mandato. “Poderá dar quatro anos”, arriscou Cabral. Ulysses deu de ombros e nada disse. Anda um tanto alheio, ultimamente. Só pensa em apressar a promulgação da futura Constituição. Na última terça-feira, pensava que a decisão sobre a extensão do mandato de Sarney estava marcada para dali a uma semana. O deputado Adolfo de Oliveira (PL-RJ), seu velho amigo de muitos anos, informou-o que a comissão deliberará neste domingo.

Ulysses gosta muito de Adolfo desde que os dois atuaram juntos no Congresso, nos idos de 60. Não gosta de Sarney — e não gostou de vê-lo autorizar seu porta-voz a dizer que o governo punirá quem votar favorável ao mandato de quatro anos. O ministro Ronaldo Costa Couto, chefe do

Gabinete Civil da Presidência da República, foi mais longe que o porta-voz: afirmou que fixar um mandato menor que cinco anos para Sarney equivalerá “a uma declaração de guerra”. O porta-voz, o ministro e o presidente foram alvos de contundentes críticas na sessão de ontem da Comissão de Sistematização.

O que se disse, ali, contra a tentativa renovada do presidente de manietar a Constituinte, foi dito, na noite anterior, na sessão ordinária do Senado. O deputado Cid Carvalho (PMDB-MA), devotado apóstolo de um entendimento entre a Constituinte e o presidente, percorreu, irritado, a noite de Brasília, sem entender direito o gesto de Sarney. O deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) costuma repetir que o maior adversário do presidente é o próprio presidente, que erra quando não poderia errar e, quando raramente acerta, remete mais tarde o acerto para a lata do lixo.

A incerteza do presidente quanto à sorte do seu mandato deve explicar seu mais recente surto de recrudescimento. Eles já foram tantos, e absolutamente inúteis, que não assustam a mais ninguém. Conselheiros presidenciais confidenciaram, ontem pela manhã, que Sarney poderá ocupar hoje uma cadeia nacional de rádio e televisão para anunciar providências de caráter administrativo e econômico e, certamente, falar do mandato de cinco anos que tanto preza — para que, só ele sabe. O presidente gosta muito de fazer comunicados à nação. A nação não gosta de comunicados inúteis.

Em compensação, o presidente não deverá enfrentar muitas dificuldades para encontrar senadores e deputados que gostem do que alguns ministros têm sempre para oferecer quando o Congresso, antes, e a Constituinte, agora, estão perto de adotar decisões importantes. A temporada de caça ao voto foi reaberta e se dá em dois tempos. No primeiro, o próprio Sarney entra em cena e dispara telefonemas amigáveis para sensibilizar constituintes indecisos ou favoráveis aos quatro anos de mandato. No segundo, os caçadores atiram pesado. Vale tudo. Tudo mesmo.

Definitivamente, não deve ser tão desgastante assim, tão desaconselhável à saúde, tão sacrificada, como os que por ali passaram costumam dizer, a ocupação de presidente da República. Alguma coisa há de se lucrar com ela — mesmo quando a nação só faz perder. Na marcha batida da insensatez, senadores e deputados capazes de trocar seus votos por favores contribuem para a perda do muito pouco de credibilidade que ainda resta aos políticos em geral. Recentemente, um deputado foi enxotado de um supermercado de Brasília por nervosos consumidores que o viram manusear, entre seus documentos pessoais, um que o identificava como tal.

Não é só a vida de presidente que é dura — a de parlamentar também é.

Ricardo Noblat (Interino)